Comentários

PARQUE DE ESMAGAMENTO, RAZÃO DAS IMPORTAÇÕES

A ênfase atribuída, nos últimos anos, ao incremento das exportações de farelo e óleo de soja, em detrimento da ampliação das vendas externas da soja em grãos, resultou no rápido progresso da indústria de esmagamento do país, que vem a ser a responsável pela atual contingência de se importar a soja, no sentido de estancar a crescente ociosidade das indústrias e prevenir custos sociais indesejáveis.

TÊXTEIS

AUSÊNCIA DE INVERNO E DESACELERAÇÃO DA ECONOMIA ELEVAM ESTOQUES

A ausência de inverno rigoroso no país, bem como os reflexos no consumo da política de desaceleração adotada pela economia brasileira, foram os motivos mais importantes a levar à formação de um grande estoque interno de produtos têxteis no ano passado. Estes fatos ocorreram num período em que os investimentos, realizados anteriormente, estavam em sua fase final de maturação e a indústria têxtil nacional iniciava suas operações a plena capacidade.

PROTECIONISMO LEVA À BUSCA DE NOVOS MERCADOS

Externamente, após a recessão mundial, medidas protecionistas vêm sendo tomadas, particularmente por nossos maiores compradores. Embora a receita de exportação brasileira de manufaturados têxteis venha aumentando sistematicamente, desde 1971, a taxa de crescimento já começava a apresentar sinais de declínio a partir de 1974.

Ano passado, foi necessário ao Brasil lançar-se em novos mercados a fim de suprir a diferença entre o *quantum* que se pretendia exportar para a Comunidade Econômica Européia (CEE) – que absorve 35% de nossas exportações têxteis – e as quotas por ela impostas. Entretanto, a busca de novos mercados não é tarefa fácil. Além da competição estrutural com as fibras artificiais e sintéticas, existe, ainda, a concorrência de nossos adversários comerciais (Hong Kong, Formosa e Coréia do Sul). É bem verdade que estes países e o Brasil são ambos favorecidos internacionalmente por produzirem a menores custos, principalmente devido ao pagamento de salários mais baixos do que nos países desenvolvidos. Por outro lado, o maior problema que se coloca para o Brasil é o fato de que estes três países concorrentes formam um só bloco, ao terem a maior parte de sua indústria controlada por empresas multinacionais de mesma bandeira.

EFEITOS DE POLÍTICA DE SUBSÍDIOS

Há, contudo, instrumentos fiscais que auxiliam o escoamento das exportações brasileiras de têxteis. Os créditos de IPI para a exportação brasileira de fios e tecidos de algodão estão em 18 e 25%, respectivamente, e os de ICM em 13%, para ambos os produtos. Cabe acrescentar que esta política de subsídios tem- nos trazido alguns problemas com os EUA – nosso segundo maior absorvedor de têxteis – que vêm acusando o Brasil de *dumping*.

NECESSIDADE DE DIVERSIFICAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES TÊXTEIS

Os fatores que explicam a maior participação dos itens fios e tecidos de algodão na pauta de exportação têxtil (ano passado ambos participaram com 51%) são nossas vantagens comparativas, bem como a preferência dos compradores em realizar o processamento final em seus países, para tal utilizando tecnologia sofisticada. Assim

sendo, a possibilidade de o Brasil se concentrar na exportação de produtos têxteis, em sua fase final de acabamento, depende da produção interna de máquinas têxteis com a sofisticação tecnológica comparável à dos países desenvolvidos. Como no Brasil, a curto prazo, isto é impraticável, a alternativa seria a importação destas máquinas. Entretanto, parece que começamos a impor restrições a estas importações, em 1978, através do comunicado 78/2 da CACEX, cujo objetivo seria o de minorar os déficits enfrentados pela balança comercial.

PERSPECTIVAS PARA 1978

Em vista de tal quadro interno e externo, não se espera um melhor desempenho do setor para este ano. Internamente, não se vislumbram grandes recuperações na demanda, porquanto parece que a política de desaquecimento continuará. No plano internacional, apesar de as quotas impostas pela CEE se situarem abaixo do esperado, foram consideradas razoáveis pela indústria têxtil nacional. Falta saber se a sobretaxa norte-americana continuará a retrair as compras de têxteis brasileiros. Como pelo menos 20 % de nossa produção interna devem ser exportados, a fim de não debilitar o setor, espera-se que este percentual seja cumprido através de outros mercados (Austrália, por exemplo) que absorvam a parte consumida pela Comunidade e pelos EUA.

Parece, então, que o crescimento do setor permanecerá, no máximo, semelhante ao do ano passado (+ 2 a 3%) mesmo porque as possibilidades de vultosos investimentos esbarrarão nos fatores apontados. Isto, por sua vez, poderá impedir a ampliação do parque industrial têxtil, a médio prazo, com possíveis reflexos na nossa participação, a nível mundial.

FEIJÃO

AÇÃO DO GOVERNO NA COMERCIALIZAÇÃO

Desde há muito apontada como ponto de estrangulamento da cultura, a comercialização do feijão vem sendo foco de atenções dos governos federal e do estado do Paraná. Com a preocupação de fornecer liquidez imediata aos produtores, a CFP lançou o programa de pré-financiamento do feijão (pré-EGF), cuja aplicação se fará a partir da próxima safra das secas. Este programa visa reduzir a ação dos intermediários, adquirindo o produto dos agricultores através de cooperativas, que contariam com um capital de giro de Cr$ 34,7 milhões para comprar o feijão do produtor e fazer face aos custos de transporte.

Paralelamente, o governo do Paraná – principal estado produtor – tem liberado recursos para o programa de Apoio ao Pequeno Produtor. Estes recursos cobrem o acesso das cooperativas à zona de produção e permitem, também, adiantar aos produtores Cr$ 250,00/saca de 60kg, concedendo-lhes a opção de receberem a diferença segundo o preço mínimo ou o preço de mercado.

REDUZ-SE A INTERVENÇÃO

O aspecto mais importante deste programa se encontra na dinamização das formas de contato com o pequeno produtor que, além de ser procurado pelas cooperativas, às quais não precisa estar necessariamente filiado, tampouco se depara com os trâmites